



COLEÇÃO

HORIZONTES  
DO ENSINO  
SUPERIOR

1

CINTHIA B.  
SPRICIGO  
JELSON  
OLIVEIRA  
VIDAL  
MARTINS

# MOSAICO DE CINCO CORES

PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA OS  
PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

PREFÁCIO DE VIVIANE MOSÉ



PUCPRESS 

COLEÇÃO

HORIZONTES  
DO ENSINO  
SUPERIOR

1

**CINTHIA B.  
SPRICIGO  
JELSON  
OLIVEIRA  
VIDAL  
MARTINS**

# **MOSAICO DE CINCO CORES**

**PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA OS  
PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**PREFÁCIO DE VIVIANE MOSÉ**

**PUCPRESS**   
Curitiba, 2016

© 2016, Cinthia Bittencourt Spricigo e outros  
2016, PUCPress

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

**Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
(PUCPR)**

**Reitor**

Waldemiro Gremski

**Vice-reitor**

Paulo Otávio Mussi Augusto

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação**

Paula Cristina Trevilatto

**Conselho Editorial**

Auristela Duarte de Lima Moser

Cilene da Silva Gomes Ribeiro

Eduardo Biacchi Gomes

Jaime Ramos

Joana Paulin Romanowski

Lorete Maria da S. Kotze

Rodrigo Moraes da Silveira

Ruy Inácio Neiva de Carvalho

Vilmar Rodrigues Moreira

Zanei Ramos Barcellos

**Editora Universitária Champagnat**

**Coordenação editorial**

Michele Marcos de Oliveira

**Editor**

Marcelo Manduca

**Editora de arte**

Solange Freitas de Melo Eschipo

**Capa e projeto gráfico**

Rafael Matta Carnasciali e Solange Freitas de  
Melo Eschipo

**Diagramação**

Janete Bomy Yun e Solange Freitas de Melo  
Eschipo

**Revisão**

Bruno Pinheiro Ribeiro dos Anjos e Ísis C.  
D'Angelis

**Editora Universitária Champagnat**

Rua Imaculada Conceição, 1155 – Prédio da Administração – 6º andar  
Câmpus Curitiba – CEP 80215-901 – Curitiba (PR) – Tel. (41) 3271-1701  
editora.champagnat@pucpr.br – www.editorachampagnat.pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

---

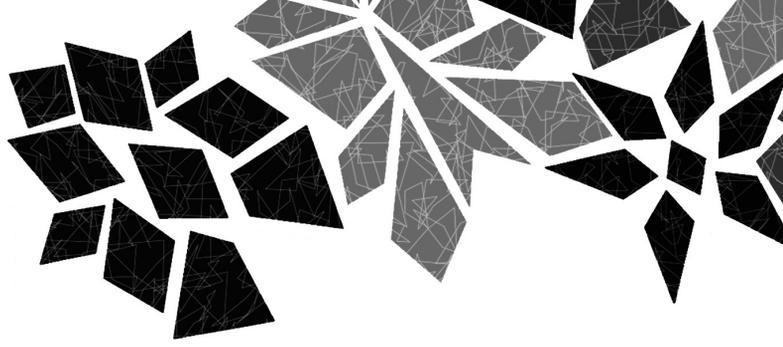
M894 Mosaico de cinco cores : princípios orientadores para os processos de  
2016 ensino e aprendizagem na educação superior / Cinthia Bittencourt  
Spricigo, Jelson Oliveira, Vidal Martins [organizadores]. – Curitiba :  
PUCPress, 2016 .  
128 p. ; 23 cm. – (Coleção horizontes do ensino superior ; 1)

Vários autores  
Inclui bibliografias.  
ISBN 978-85-68324-30-1  
ISBN 978-85-68324-29-5 (coleção)

1. Educação superior. 2. Aprendizagem. 3. Educação – Filosofia. I.  
Spricigo, Cinthia Bittencourt. II. Oliveira, Jelson, 1973-. III. Martins, Vidal.  
IV. Série.

CDD 20. ed. – 378

---



*“Mudança é o processo no qual o futuro invade nossas vidas.”*

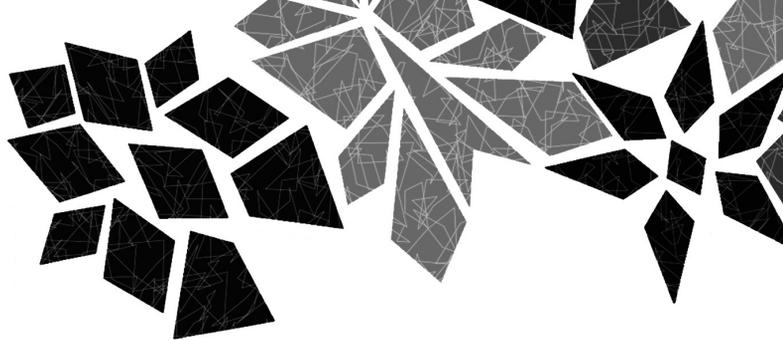
*(Alvin Toffler)*

*“Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelam o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência. [...]”*

*Teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores.”*

*(Friedrich Nietzsche)*





## PREFÁCIO

As mudanças na educação estão sendo impulsionadas, hoje, pelo ensino fundamental, e não pelas universidades. Temos experiências incríveis de novas metodologias no ensino básico, especialmente nas escolas públicas. Diante disso, sempre me pergunto sobre o papel das universidades na tentativa de pensar a educação. Por isso, fico muito feliz de ver a PUCPR na dianteira desse processo, tão urgente e necessário, e que o esteja fazendo de maneira institucional, e não de forma segmentada e isolada, como é mais comum em outros lugares. Aqui temos um debate institucional. E acredito que este seja o caminho: repensar institucionalmente nossas práticas nas universidades, de modo a dar sustentação ao que já acontece.

Vivemos impasses fundamentais no mundo atual, os quais, se não forem resolvidos, colocam em xeque a vida no planeta. A educação precisa formar seres humanos capazes de dar respostas aos desafios trazidos por essa crise. Precisamos educar um estudante segundo os princípios da autonomia, da responsabilidade, da cooperação, da dedicação, do senso crítico e da honestidade, a fim de constituir um novo indivíduo, o qual não precisa ser criado do zero, mas forjado a partir de iniciativas como essa, que necessitam ser apoiadas.

Vivemos uma conjuntura tecnológica bastante promissora, uma sociedade em rede que quebra as estruturas piramidais do passado em nome de relações de poder mais horizontais. O problema é que, entre o modelo anterior e o novo modelo em rede, que se ordena por circuitos integrados, uma ordem sem o *um* organizador do todo, temos um longo caminho a percorrer.



Para chegar a esse novo lugar, precisamos atravessar o caos que está no meio do trajeto, um caos nefasto que se apresenta na forma de uma descrença generalizada, a qual abate, também, a juventude. Isso aumenta os casos de depressão e, conseqüentemente, a venda de remédios: temos uma máquina do mal-estar que vende — e rende — muito.

Estamos à beira de uma nova sociedade, marcada antes de tudo pela inovação, e toda vez que uma inovação acontece, ela deixa um rastro de destruição — o que exige, a cada vez que trabalhamos com inovação, que prestemos atenção no lixo que fica ao redor das coisas novas que nascem. Por isso, é preciso inovar, mas é preciso fazer a *transição* do antigo. Não se faz uma coisa nova e simplesmente se abandona o velho, é preciso minimizar a tensão dessa mudança de modelo. Estamos com um pé na barbárie da dengue, por exemplo, e outro na fibra ótica que altera as relações contemporâneas. É possível transformar o caos em algo favorável — sou otimista. Vamos ralar o joelho e sangrar, mas seremos vitoriosos. E isso passa por uma mudança em nossos valores e princípios, na direção de uma vida mais plena. A universidade é um espaço privilegiado para isso.

Se um amigo, ou um homem, ou uma mulher, ou uma família *são* e *não são* alguma coisa ao mesmo tempo, porque forjamos modelos diferentes de pensar o mundo, se é assim, todos estamos em dúvida: Quais princípios seguir? Quando a família oferecia um princípio único que servia para todos (e que eram excludentes, por serem únicos) é inegável que tínhamos uma referência de valor para seguir ou não. Hoje tudo isso se dissolveu. E se torna mais grave, porque, no geral, não temos mais uma noção clara de valor. O que temos em alta conta? Para alguns, mais de mil curtidas em uma postagem. Outros pensam que a beleza é um valor. Outros, que é o dinheiro. Mas será que é mesmo? Para além dos valores morais, que são gerais e universais, é preciso perguntar, sempre: O que queima a minha alma? Qual é o valor pelo qual eu daria a minha vida? Eu morreria por que causa? É preciso ter uma razão pela qual ofereçamos a própria vida, e isso nos dá dignidade como seres humanos. Do que não abrimos mão? O que nos queima por dentro? Qual é a nossa brasa de indignação? O que nos faz encher os olhos d'água? O que nos dá alegria? O que nos faz levantar de manhã e dizer: “quero muito viver!”?

Em nome de que vivemos? O que nos faz dizer: “isso eu não aceito”, “isso eu não admito”? Esses são os princípios que nos dão dignidade. E nos ajudar a pensar e a vivê-los é o principal papel da universidade.

Hoje não fazemos mais essas perguntas. Geralmente nos questionam: “Como você se encaixa?”, “Como você se enquadra?”. No texto *Schopenhauer como educador*, Nietzsche fala muito claramente: só há um caminho para você passar, o qual é o seu caminho, que você vai trilhando a cada passo. Só você pode passar por ele. Muita gente entra no meio dos nossos caminhos, querendo ser ponte, facilitar, pular etapas... Nietzsche nos pede para não aceitarmos os atravessadores. No caminho construímos valores: coisas que realmente fazem sentido para nós. Então começamos a ter existência — e não apenas vida. A partir dos princípios construímos uma rede de pessoas que combinam com nossa forma de ver e viver. Temos o nosso clã. Cuidamos do mundo porque o mundo somos nós. E nós, por acaso, compartilhamos do mundo. Por acaso. Estamos todos a sós em meio a essa vida que veio antes de nós. Estamos todos no meio, “quem chegou e quem faz tempo que veio”, tal como cantou Adriana Calcanhoto, em sua música *Velhos e jovens*. Os princípios provocam contágio; eles fazem parte das trocas humanas.

Atualmente, contudo, trocamos de valores e muitas vezes nos vendemos por qualquer coisa. Não sabemos lidar com o sofrimento, não suportamos frustrações e utilizamos mecanismos, como as curtidas nas redes sociais, o dinheiro, a medicina psiquiátrica, para cobrir esse buraco. Esse é o retrato da ausência de valores. Quem tem valor lida com as frustrações como obstáculo, como parte do processo, que pode ser potencializado em ação. As jornadas mais ousadas nascem quando vencemos os obstáculos e o sofrimento, e com isso nos transformamos. Digno é quem carrega a si mesmo com grandeza e faz de sua própria vida uma obra de arte. Quem não tem obstáculo, ou quem burla seus obstáculos, nunca vai ter dignidade. Quem não tem dignidade é alguém que o mundo arrasta para qualquer lugar e se torna presa fácil para o sofrimento. É preciso ter algo denso na alma — e o denso é o valor que transforma vida em existência.

O século XX compreendeu que o pensamento é a arma mais poderosa, mas chegamos até aqui com um enorme desenvolvimento tecnológico

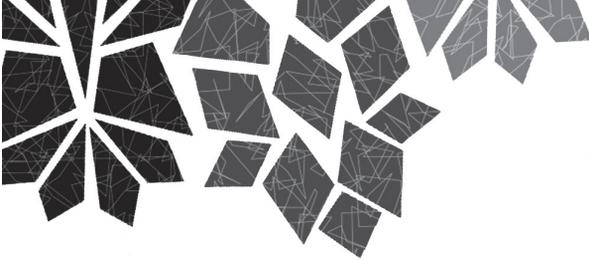




e com uma impressionante imaturidade política e social. É preciso investir em *pensamento do valor* — do valor da humanidade, do valor do sagrado, do valor do próprio pensamento. A universidade é o lugar de construção do pensamento. Ora, só há pensamento quando há princípios orientadores que nos ajudam a pensar e a viver melhor. E por falar de princípios, este livro é um convite ao pensamento. Transformar essas *palavras* em *atitudes* é o maior desafio da universidade contemporânea.

*Viviane Mosé*





# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
-------------------------	----

## **1. AUTONOMIA**

O despertar de um sujeito autônomo: <i>tornar-se quem se é</i> .....	21
As metodologias para aprendizagem ativa e a autonomia .....	26
Autonomia e cooperação .....	32

Um procedimento de aprendizagem autorregulada: caminho possível para favorecer a autonomia .....	35
<i>Rosane de Mello Santo Nicola</i>	

## **2. DEDICAÇÃO**

O anjo de Michelângelo .....	45
A espera pelo “milagre”: um prejuízo educativo .....	48
Aumentar a dedicação para melhorar a aprendizagem .....	50

Uma experiência de dedicação .....	53
<i>Simone Mario Malucelli Pinto</i>	

## **3. COOPERAÇÃO**

O individualismo contemporâneo .....	61
O paradoxo da cooperação: a experiência da incompletude .....	64
Cooperação na aprendizagem .....	66

Cooperação e experiência universitária .....	69
<i>Eliane Cristine Francisco Maffezzolli e Kleber Bez Birolo Candiotto</i>	





## 4. SENSO CRÍTICO

A tarefa crítica do pensamento .....	79
Sair da minoridade: pensar por si mesmo .....	80
A educação do senso crítico .....	84
O senso crítico como princípio educativo .....	87
<i>Cauê Krüger</i>	

## 5. HONESTIDADE

A flor e a deusa da honestidade .....	107
A honestidade e a educação superior .....	110
O plágio como prática desonesta no ambiente acadêmico .....	113
A honestidade no contexto universitário .....	116
<i>Elisangela Ferretti Manffra</i>	

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123
--------------------------	-----





## INTRODUÇÃO

### **SOBRE A VOCAÇÃO EDUCATIVA DA UNIVERSIDADE**

Alfredo Bosi (1994, p. 55) escreveu que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Ele falou do passado. Nós queremos, nessa mesma perspectiva, falar do futuro, o que significa assumir o trabalho de projetar o amanhã a partir das experiências, circunstâncias e ideias de hoje. E porque a universidade é, antes de qualquer coisa, uma comunidade de assuntos discutíveis, uma tal tarefa só pode ser cumprida coletivamente. Eis a intenção abrigada no título do presente livro: o mosaico é o signo de uma construção coletiva, paciente e imagética do que queremos ser, a partir do que fomos e somos. É assim que entendemos a vocação da universidade: desenhar, com cuidado e responsabilidade, novas formas para as gentes e para o mundo. Projetar o futuro não como sonho (ilusão, quimera, vaga utopia), mas como trabalho (compromisso, esforço, zelo, dedicação).

No nosso caso, o trabalho começa por um diagnóstico: os desafios apresentados pelo cenário cultural contemporâneo impõem com reiterada evidência a necessidade de que as instituições de ensino universitário atualizem seus discursos e, principalmente, suas práticas.

De um lado, o tempo presente exprime a *crise interior* da racionalidade: o esfacelamento do sujeito, a crise da ordem racional do mundo, a deficiência da lógica, das coletividades e das universalidades em nome do subjetivismo, do individualismo e dos interesses privados, cuja consequência secundária é o hedonismo, o imediatismo e a instrumentalidade do saber, transformado em mera ferramenta técnico-financeira. De outro lado, a *crise exterior* de uma civilização que parece reiteradamente demonstrar o seu colapso e na qual as consequências nefastas do modelo econômico colocam em xeque os êxitos que, inegavelmente, têm alterado para melhor as condições de vida, se não de todos, pelo menos de uma parte dos mais de 7 bilhões de habitantes do planeta. O que ocorre é que os benefícios trazidos pelo avanço tecnológico promovido por esse regime socioeconômico são equivalentes aos seus epifenômenos negativos: os desafios sociais e ambientais que eles mesmos fabricam. Essas duas crises afetam em cheio a universidade, em sua vocação política e científica, que são os dois polos de sua ação *educativa*, diante dos complexos desafios da vida contemporânea.

Ao analisar a crise da educação pela qual passava os Estados Unidos em meados do século passado, a filósofa Hannah Arendt (1972, p. 229) referiu-se à “falência dos métodos modernos da educação” como um dos motivos centrais dessa crise. O que Arendt identificou em seu tempo também é a marca do nosso: a inadequação dos procedimentos pedagógicos inventados na Modernidade para enfrentar o cenário contemporâneo. Isso porque a escola continua sendo simplesmente um lugar de estudos e de transmissão repetitiva de conhecimentos, e não um centro social no qual se desenvolvem as competências capazes de realizar plenamente o ser humano. Reduzida aos procedimentos burocráticos, a ação educativa perde sua finalidade de formar plena e integralmente os indivíduos, dissociando aquilo que o filósofo norte-americano John Dewey (1940, p. 5) chamou, no artigo II do seu *Credo Filosófico*, de “processo vital” e “processo social”. Ao acentuar essa perspectiva, Dewey pretendia retirar da educação sua tarefa procedimental

para introduzi-la no mundo da vida, que tem, ao mesmo tempo, um sentido biológico e um sentido social. A fórmula proposta pelo filósofo estaria resumida na ideia de um *learning by doing*, que seria ao mesmo tempo um *learning by living* e um *learning by thinking*, e tinha como principal objetivo proteger a educação do seu fechamento aos métodos formais e aos conteúdos esgotados em si mesmos porque desprendidos das situações concretas para as quais foram e são requisitados. Dewey, assim como Arendt, denunciou uma prática que transformou a educação em “um processo de etiquetagem e não uma reflexão criadora de sentido” (MATTÉI, 2002, p. 192) — uma prática, aliás, que poderia ser identificada como a principal herança da Modernidade. Uma herança, em boa medida, problemática e até mesmo nociva.

No caso brasileiro, temos assistido a um grande esforço para superar essas práticas burocratizantes, principalmente a partir das teorias e experiências freirianas e de várias iniciativas que visam à construção de projetos pedagógicos que favoreçam o desenvolvimento da autonomia do aprendiz. Algumas escolas de Ensino Fundamental, por exemplo, seguiram o modelo da Escola da Ponte, de Portugal, adotando o conceito de escola aberta, fundamentadas pelo princípio da Lei de Diretrizes e Bases que garante certo grau de autonomia pedagógica à Educação Básica. As escolas abertas preconizam a autonomia do estudante em escolher os projetos com os quais trabalhar e os caminhos para o seu aprendizado, envolvendo também intensa colaboração entre estudantes de séries distintas, que costumam estudar em uma mesma sala, orientados por vários professores. As formas não tradicionais de aprendizagem estimulam os estudantes e trazem resultados surpreendentes, ainda que essas escolas necessitem realizar um grande esforço para se manterem no seu propósito diferenciado, em meio a uma cultura da educação dirigida unicamente para a formação de “cidadãos úteis e preparados para o trabalho” (MARCHELLI; DIAS; SCHMIDT, 2008, p. 291).



Docentes, discentes, gestores, especialistas e lideranças políticas, quase todos concordam quanto à necessidade e à urgência de mudanças nos procedimentos educativos e nas estruturas universitárias, para que eles deem conta dos desafios da sociedade contemporânea. Muitas são as iniciativas, ao redor do mundo, que tentam implementar mudanças no que tange ao papel institucional, à relação com o mercado, aos vários modelos metodológicos disponíveis ou à apropriação dos aparatos tecnológicos, à atualização dos currículos e à oferta atrativa de novos cursos.

A Universidade, quase milenar, tem pressa. O peso dos anos, contudo, exige parcimônia e responsabilidade. Como se atualizar sem lesionar sua vocação para o conhecimento e a cidadania — os dois polos da ação educativa? Ao relatar a experiência da PUCPR, o livro que o leitor tem em mãos serve como uma *partilha* e uma *convocação*. Amparados em uma reflexão sobre a missão da educação na formação de sujeitos autônomos, cooperativos, dedicados, críticos e honestos, os autores oferecem um texto que não é só discurso teórico, mas, antes, palavra vivida. Este livro, por isso, ao partilhar ideias e contar experiências, traduz a convicção de que as mudanças educativas começam por uma afirmação ética de *princípios* que orientem as práticas educativas na graduação e, com isso, preparem os egressos para uma ação cidadã em benefício de toda a comunidade da vida no planeta. Partir de *princípios* é partir de uma predisposição para a mudança e de um âmbito afetivo que dê sentido às práticas cotidianas, às atitudes e às relações na Universidade.

Como obra paciente e cuidadosa, este *mosaico* traduz o esforço e a urgência de que as velhas estruturas universitárias adquiram novo colorido, por meio das pequenas peças de nossas práticas cotidianas, que, somadas, formam o quadro harmônico de uma nova realidade educativa. *Autonomia, dedicação, cooperação, senso crítico e honestidade* são as cinco cores que hão de renovar nossos olhares.

ISBN 978-85-68324-30-1



9 788568 324301

PUCPRESS 